

# VERITAE

TRABALHO – PREVIDÊNCIA SOCIAL – SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO

*Orientador Empresarial*

## ARTIGOS

### PREVIDÊNCIA, REFORMAS E GREVES

*O bônus demográfico de uma população relativamente jovem está com o seu prazo de validade praticamente vencido*

*\*Por José Pastore,  
Em Outubro/2010*

É provável que entre hoje e o dia 16 de outubro, a França amargue uma nova greve.

Os sindicatos estão revoltados com o presidente Nicolas Sarkozy e com o Senado, que na semana passada começou a aprovar a mudança da idade mínima de aposentadoria, elevando-a de 60 para 62 anos. Para os que pretendem se aposentar com o valor integral do último salário a idade mínima passará de 65 para 67 anos.

São atos impopulares e de muita coragem. Eram necessários. O sistema previdenciário da França está em apuros. Aliás, isso está acontecendo com todas as nações que envelhecem depressa e que acumulam déficits insustentáveis na Previdência Social. Se nada for feito, a catástrofe é certa.

Os demógrafos estimam que em 2050 a população mundial com 65 anos e mais será de 16,2% do total - ante os 7,6% atuais. Os países da Europa, assim como o Japão, têm um quadro ainda mais grave porque estão na dianteira do envelhecimento. Nesses países, o crescimento do déficit previdenciário é galopante. Investidor nenhum vai interessar-se por investir em países que devem muito mais do que produzem e que não apresentam saída para a armadilha em que se meteram. A Standard & Poor's estima que os países avançados correm o sério risco de perder de vez o "investment grade" que conquistaram a duras penas (S&P, Global aging 2010: an irreversible truth, 7/10).

Seria inconcebível que governos sérios viessem a fechar os olhos em face de quadro tão grave. Afinal, os sistemas previdenciários foram concebidos quando o quadro demográfico era totalmente diferente: os jovens, em grande quantidade, sustentavam os mais velhos, cuja idade média estava em torno dos 55 anos - ante os 80 dos dias atuais.

As ideias para reformar os sistemas de aposentadoria amadureceram muito ao longo dos últimos anos. No fundo, a equação é simples: ou os cidadãos retardam a aposentadoria (e trabalham mais tempo) ou pagam contribuições mais altas durante a vida ativa. Há

ainda a possibilidade de reduzir o valor das aposentadorias e das pensões. Ou tudo isso combinado.

Nenhuma dessas ideias é palatável para a população em geral e para os sindicatos em particular. Estes se sentem na obrigação de defender os direitos dos incluídos nas proteções sociais, mesmo sabendo que com isso aumentará o número dos excluídos.

Diferentemente das greves de 7 e 22 de setembro passado, os sindicatos franceses prometem para esta semana uma ampla paralisação dos transportes, meios de comunicação, serviços públicos e das escolas - e não mais por um dia, mas sim por tempo indeterminado.

Países como Grécia, Espanha e Portugal vêm enfrentando o mesmo problema por terem sido forçados a cortar gastos públicos, diante da perigosa insolvência das contas dos seus governos.

Ironicamente, o Brasil se coloca fora de tudo isso. Parece que não fazemos parte do mundo. Dentro do governo, de maneira "olímpica", ninguém toca na necessidade de se reformar a Previdência Social. O déficit previdenciário (do sistema público e do privado) aproxima-se dos R\$ 90 bilhões e o bônus demográfico de uma população relativamente jovem está com o seu prazo de validade praticamente vencido.

Nos dois mandatos de Lula, os temas impopulares foram sistematicamente banidos da agenda de mudança. A reforma da Previdência iniciada em 2003 parou no primeiro embate com as centrais sindicais. Estas impediram a aprovação da Previdência Complementar para viabilizar aquela reforma. Recentemente, elas levaram os congressistas a derrubar o fator previdenciário. No meio das centrais sindicais, não há quem admita elevar a idade de aposentaria. Grupos privilegiados continuam se aposentando aos 55 anos e até menos. Muitos dos que se aposentam nunca contribuíram. Há ainda os aposentados que recebem muito mais do que recebiam quando trabalhavam. Essa é uma bomba-relógio cujo tempo de detonação está prestes a expirar. Vamos esperar sentados para ver o tamanho do estouro?

**\*José Pastore é Doutor Honoris Causa em Ciência e Ph. D. em Sociologia pela University of Wisconsin (EUA). É professor titular da FEA e da Fundação Instituto de Administração, ambas da USP. É pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas e consultor em relações do trabalho e recursos humanos. Página: [www.josepastore.com.br](http://www.josepastore.com.br)**

**Artigo publicado no O Estado de S.Paulo, em 12.10.2010.**

**As opiniões expressas nesta Seção são de responsabilidade de seus Autores, sendo, a divulgação por VERITAE Orientador Empresarial, devidamente autorizada pelos mesmos.**

Mantenha os Endereços Eletrônicos de sua Organização sempre atualizados e sua Assinatura em dia para não serem prejudicados nos envios das atualizações. Para verificar a regularidade de sua Assinatura VERITAE e atualizar seus Endereços Eletrônicos, encaminhe uma solicitação através do endereço [adm@veritae.com.br](mailto:adm@veritae.com.br)

*Um Ótimo Dia para Você!*

Equipe Técnica **VERITAE**

[veritae@veritae.com.br](mailto:veritae@veritae.com.br)

[www.veritae.com.br](http://www.veritae.com.br)

**Estamos no Twitter! Follow us:** [www.twitter.com/VERITAE\\_NEWS](https://www.twitter.com/VERITAE_NEWS)